

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v13i30.13871>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



BLONDEL, O MODERNISMO E A IMANÊNCIA: A PROPÓSITO DA CARTA SOBRE A APOLOGÉTICA

Blondel, o modernismo e a imanência: a propósito da Carta sobre a apologética

Delmar Cardoso
UNICAP

Resumo: O texto é uma reflexão sobre a relação entre a filosofia de Maurice Blondel e o modernismo, aqui especificamente entendido como movimento teológico que teve lugar no interior da Igreja católica na virada dos séculos XIX e XX. Para isso, faz-se uma incursão filosófica no texto blondeliano conhecido como Carta sobre a apologética. Na Carta, Blondel considera a filosofia como um caminho e concebe a ciência como um processo. Ele também percebe o quanto a Modernidade possui características cristãs. Nesse sentido, a Carta propõe o método da imanência que prioriza o sujeito enquanto capaz de pensamento, liberdade e ação. No entanto, pensamento, liberdade e ação no sujeito se dão de modo mesclado entre a insatisfação histórica e a abertura a uma ordem sobrenatural, à qual se relaciona com o sujeito histórico.

Palavras-chave: Blondel. Modernismo. Apologética. Método da imanência.

Abstract: The paper is a reflection on the relationship between Maurice Blondel's philosophy and Modernism, here specifically understood as a theological movement that took place within the Catholic Church at the turn of the 19th and 20th centuries. For this, a philosophical incursion is made in the Blondelian text known as Letter on Apologetics. In the Letter, Blondel considers philosophy as a way and conceives science as a process. He also realizes how much Modernity has Christian characteristics. In this sense, the Letter proposes the method of immanence that prioritizes the subject as capable of thought, freedom and action. Nonetheless, thought, freedom and action in the subject occur as a mix between the historical dissatisfaction and the openness to a supernatural order, which relates to the historical subject.

Keywords: Blondel. Modernism. Apologetics. Method of immanence.

As Ensino da Dúvida

Tive um chão (mas já faz tempo)
todo feito de certezas
tão duras como lajados.

Agora (o tempo é que o fez)
tenho um caminho de barro
umedecido de dúvidas.

Mas nele (devagar vou)
me cresce funda a certeza
de que vale a pena o amor.

Thiago de Mello

Para iniciar esta reflexão sobre o Blondel e o modernismo¹ tomo uma personagem do século XVI: Santo Inácio de Loyola. No final do livro dos *Exercícios Espirituais*, nas “Regras para sentir com a Igreja”, Inácio nos sugere elementos que parecem estar totalmente em contradição com aquilo que se mostrou como a primeira bandeira das reivindicações modernistas. Vejamos duas dessas regras como exemplos dessa aparente distância entre a espiritualidade inaciana e modernismo:

1ª regra: deixando de lado todo juízo próprio, devemos ter o ânimo preparado e pronto para obedecer em tudo à verdadeira Esposa de Cristo nosso Senhor, que é a nossa santa mãe, a Igreja hierárquica.

...

13ª regra: devemos sempre manter — para acertar em tudo — que o branco que eu vejo é preto, se a Igreja hierárquica assim o determina, crendo que, entre Cristo nosso Senhor, o esposo, e a Igreja, sua esposa, é o mesmo espírito que nos governa e dirige para a salvação nossa. Pois o mesmo Espírito e Senhor nosso, que deu os Dez Mandamentos rege e governa a nossa santa mãe, a Igreja (*Exercícios Espirituais*, 353; 365).²

De um lado, constata-se a distância entre a abordagem de Santo Inácio e a abordagem dos modernistas. Por outro lado, vemos que o fundador dos jesuítas parece não ter cumprido tão firmemente tais regras. Em 1552, na condição de Padre Geral da Companhia de Jesus, ele fez de tudo para impedir que um nobre espanhol da família Borja, que tinha entrada na sua ordem religiosa, fosse nomeado cardeal. Com efeito, o imperador Carlos V e o papa Júlio III queriam que Francisco de Borja recebesse a púrpura cardinalícia. Santo Inácio queria evitar a polêmica. Mas para ele a vontade de Deus lhe parecia contrária à da autoridade do monarca católico e do chefe supremo da Igreja. A contradição entre as regras mencionadas acima e essa atitude de não resignar-se às autoridades evidenciam que as regras existem para serem enquadradas nas situações reais a que pertencem. Parte dessas regras inacianas foram escritas durante o período em que Inácio estudou na Universidade de Paris (1528-1535), e refletem uma contraposição a Erasmo de Rotterdam, que havia declarado a propósito da autoridade papal: “pois o preto não se tornaria branco, mesmo que o papa de Roma o afirmasse” (cf. KEHL, 2020, p. 3-6).

Todo texto fora de contexto se torna pretexto para mal-entendidos. Trouxe essa passagem dos *Exercícios Espirituais* com a intenção de tornar claro que as afirmações se parecem com quadros que têm molduras que o delimitam. Neste caso, não quero fugir à minha condição de jesuíta. Estou convencido de que a espiritualidade inaciana, enquanto busca efetiva, afetiva e da vontade de Deus, quer ter incidência na vida prática e cotidiana do cristão. Por isso, quis iniciar estas reflexões trazendo esse exemplo de Santo Inácio, para que as páginas que seguem sejam lidas como um trabalho que alguém que compreende a relação entre Igreja e Mundo, dentro da visão inaciana.

As seguintes considerações são fruto de uma reflexão pessoal. Evitei o uso de citações. Em alguns casos, porém, não houve como não fazê-las. Peço perdão pelo laconismo do texto, mas confesso que foi intencional, pois quis apenas trazer pontos para reflexão. Nesse sentido, tenho consciência das generalizações e reducionismos do texto, em relação aos quais suplico a compreensão do leitor.

1. Descobrir Blondel

¹ O termo *modernismo* é aqui empregado para significar o movimento ocorrido no interior da Igreja católica, principalmente no que tange à Teologia. Teve lugar no fim do século XIX e início do século XX e se opôs à abordagem tradicionalmente dominante na Igreja, que remontava à Escolástica. O modernismo se mostrava aberto aos desenvolvimentos obtidos pelas ciências.

² O texto dos *Exercícios Espirituais* é aqui citado segundo sua numeração progressiva.

Maurice Blondel será visto nestas páginas como um interlocutor do debate provocado pelo Modernismo. Quero estabelecer um diálogo com o filosofar de Blondel, mais especificamente com o seu texto conhecido como *Carta sobre a apologética*³. No entanto, no texto original se evidencia um conteúdo mais panorâmico: *Carta sobre as exigências do pensamento contemporâneo em matéria de apologética e sobre o método da filosofia no estudo do problema religioso*. Vou ater-me mais àquilo que Blondel chamou de método de imanência, o qual se encontra claramente apresentado na *Carta sobre a apologética*. O foco aqui está na segunda parte da *Carta*.

Pessoalmente, descobri Blondel em 1998, através de um texto de Peter Henrici (1972), em que se propunha a filosofia de Blondel como uma filosofia da práxis que, colocada em confronto com Marx e Kierkegaard, “se revela uma *filosofia da liberdade real*, se se quer a libertação do ser humano” (HENRICI, 1972, p. 729). A partir desse primeiro contato me senti convidado a conhecer mais a filosofia que, seguindo a vocação primordial de verdadeira e autêntica filosofia, se propõe a ser libertadora.

Por isso, quis conhecer seu texto inicial e também sua obra-prima: *A ação*, de 1893. Convém assinalar alguns textos introdutórios ao pensamento do filósofo de Aix-en-Provence, como os de Peter Henrici (1993) e René Latourelle (1982).

O pensamento de Maurice Blondel ousa propor, por assim dizer, a perspectiva da imanência, mostrando que ela, se considerada na sua mais profunda realidade, vai ao encontro da indigência interior da pessoa humana que, sendo consciente de tal indigência, abre-se para acolher a ação como seu ponto de chegada, no entanto, ao mesmo tempo, mostra-se também como um ponto de partida. Blondel propõe um dinamismo que chama a atenção tanto do *dizer* quanto do *agir* humanos para a possibilidade de uma Necessidade absoluta, a qual seria o preenchimento do vazio de indigência que marca o ser humano que pensa e age. Em outras palavras, Blondel se mostra um filósofo que provoca um movimento de “emersão da liberdade e de sua exigência de realização.” (PIMENTEL, 2012, p. 152).

Trata-se de apostar que haja um sentido para a vida humana e que o ser humano possua um destino. Nossa condenação à vida, à morte (e ou não à eternidade) não nos podem tirar do compromisso de estar tranquilos com relação à nossa consciência de sermos humanos (cf. BLONDEL, 1950, p. 3). Eis pois o convite e o desafio que Maurice Blondel nos apresenta.

2. O fenômeno do modernismo

O Modernismo, como é aqui entendido, se mostra um movimento tipicamente católico. Ainda que se poderiam estabelecer relações entre Modernismo e a crítica histórica surgida no interior das Igrejas da Reforma. Não se pode negar que foi dentro de uma atmosfera católica que o Modernismo encontrou o oxigênio que o manteve vivo por algumas décadas na Igreja católica. Para alguns, inclusive, o Modernismo como perigo e ameaça nunca morreu no ambiente católico, mas encontra-se apenas em estado de latência, podendo despertar a qualquer momento.

Não é fácil apresentar todos os dados precisos a respeito do Modernismo. A primeira razão para tal imprecisão consiste na tentativa de limitar sua área geográfica. Com efeito, o fenômeno que se chama Modernismo teve lugar na França, na Inglaterra, na Itália e também na Alemanha. Como um todo, o movimento transcorreu entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Foi a França, sem dúvida, o berço do movimento e seu maior e principal protagonista foi o sacerdote católico e exegeta francês Alfred Loisy (1857-1940). Pode-se porém considerar uma espécie de preparação à atitude modernista por parte de pensadores como Félicité Robert de Lamennais (1782-1854) e Antonio Rosmini (1797-1855).

Pode-se dizer que o Modernismo não cansou de levantar a bandeira contra o Neotomismo. Se de um lado a França foi o berço do Modernismo, por outro lado foi a

³ Utilizamos a edição em italiano publicada sob o título *Lettera sull'apologetica* (BLONDEL, 1990).

península italiana o *topos* por excelência do Neotomismo. Este último, contemporâneo ao Modernismo, teve como grande patrocinador e promotor o próprio papa Leão XIII, cujo papado durou de 1878 a 1903. Sua encíclica *Aeterni Patris* (1879) quis evidenciar que Santo Tomás de Aquino ocupava a função de verdadeiro paradigma do teólogo (e filósofo) dentro da Igreja católica, tornando o “doutor comum” de todos os interessados por filosofia e teologia no interior do catolicismo. Era necessário não somente ler Santo Tomás, mas ler o conjunto das suas obras. Nesse sentido, percebe-se como um fruto concreto desta intenção a assim chamada Edição Leonina das obras de Santo Tomás.

A encíclica incentivadora do neotomismo, propõe o pensamento de Tomás de Aquino como um porto seguro para a barca de Pedro. A *Aeterni Patris* funcionou como um cartão de visita do papado que deu à Igreja a sua primeira encíclica social: a *Rerum Novarum* (1891). Bem se vê como “o retorno ao tomismo se duplica de tal modo num projeto social” (GILBERT, 1994, p. 480).

A disputa entre *modernismo x neotomismo* deu-se principalmente em suas primeiras décadas. A França representava o maior Estado nacional católico e a Itália reivindicava a submissão à potestade suprema da Igreja, incluindo o poder temporal. Recorde-se que fazia pouco tempo que o território italiano se tinha unificado em um único Estado, contrariando, portanto, o veredito divino a respeito do Estado pontifício.

Sem sombra de dúvida, não é errado dizer que o modernismo se mostrou como uma das matrizes intelectuais do catolicismo contemporâneo. Com efeito, o documento com o qual magistério eclesiástico o condenou – *Pascendi Dominici gregis* (1907) – é passível de críticas, as quais qualificam o modernismo como drástico, ainda que seja possível perceber que haja nele algum valor e alcance positivo. Queremos aqui acenar ao fato negativo que a condenação via o modernismo como algo coeso e possuidor de uma unidade nas suas pretensões. Negava-se por assim a real situação do modernismo dentro da Igreja. Em outras palavras, a *Aeterni Patris* supunha que o modernismo fosse uma espécie de escola, enquanto ele era no máximo uma corrente ou um movimento (cf. MARTINA, 1997, p. 95). Vale dizer que o modernismo não traiu o desejo peculiar do autêntico cristianismo em todos os tempos, ou seja, a pretensão essencialmente católica de buscar reconciliar a tradição com as variadas situações históricas em que os cristãos se inserem (cf. BÖHM, 1994, p. 405).

Nas conclusões do Concílio Vaticano II leem-se algumas ideias que se mostram bem em sintonia com ideias do movimento modernista. Eis alguns exemplos: o reconhecimento do valor da democracia (cf. *Gaudium et Spes* 31. 73-75) e a admissão de que o dogma ou o ensinamento cristão possui um aspecto histórico (cf. *Dei Verbum* 8; *Unitatis Redintegratio* 11). O modernismo — enquanto temas, tendências e intuições — nunca desapareceu da Igreja até esta terceira década do século XXI, não obstante as lutas constantes contra ele. É o próprio Karl Rahner, maior expoente da teologia católica no século XX, a nos apresentar um sábio parecer sobre o fato do modernismo no interior da Igreja:

A luta da Igreja contra o modernismo foi com certeza, também a luta decidida e vitoriosa em defesa de sua autoconsciência teológica em seu alcance supremo, de sua posse de uma Revelação divina e de uma legitimação sua que deriva de Deus e não dos homens. Todavia, foi também considerada empiricamente a luta de um integralismo que queria dominar a vida inteira diretamente em sentido eclesiástico, de uma neoescolástica que se fechava a uma relação positiva com a filosofia moderna, adotando um estilo de pensamento e de vida da restauração, proveniente da primeira metade do século XIX, estilo que não era adequado nem à grande tradição da Igreja, nem ao presente, nem conseguia manter viva a legítima herança da *philosophia perennis*; a luta de um conservadorismo social e hierárquico, que acreditava não poder encontrar por toda parte a verdade e a graça de Deus, mas apenas a concha que a Igreja se tinha construído para si desde o tempo do Iluminismo. A Igreja perdeu essa luta contra o modernismo, pois com o

tempo, em razão de sua essência, não podia de fato querer conduzi-la (citado por MARTINA, 1997, p. 104-105)⁴.

3. A *Carta sobre a apologética*

Um dos maiores conhecedores do pensamento de Maurice Blondel, considera que a *Carta sobre a apologética* ocupa o segundo lugar em termos de importância dentro do conjunto das obras do filósofo de Aix-en-Provence (HENRICI, 1993, p. 361). Desde as primeiras páginas, constata-se que a *Carta sobre a apologética* propõe-se a ser uma espécie de discurso do método.

A *Carta sobre a apologética* veio à tona por assim dizer por causa de uma provocação concreta. Blondel sentiu-se interpelado pelo diretor dos *Annales de Philosophie Chrétienne*, Ch. Denis. Este considerava que Blondel fazia parte de “uma nova corrente apologética”, a qual iria além da apologética científica que estava desaparecendo. Blondel também ultrapassava a apologética metafísica que não voltaria mais à ribalta. Desse modo, cabia a Blondel e ao seu texto “reconduzir a apologética cristã ao terreno psicológico” (BLONDEL, 1990, p. 31).

Não é aqui o lugar para fazer uma apresentação geral e completa da *Carta sobre a apologética*. Peço licença apenas para destacar alguns de seus pontos principais. Na Carta, Blondel propõe a filosofia como um caminho árduo e legítimo. Ele sabe que não são adequadas as exigências do pensamento moderno a respeito da apologética. De fato, não se pode prescindir dos princípios gerais aos quais o saber científico chegou. Compreende-se a ciência a partir do conceito de *processo*. Põem-se em primeiro lugar as *hipóteses* em vista de que *sejam produzidas* coisas novas para a humanidade. Eis, pois, os princípios inspiradores da modernidade. Blondel teve a coragem de afirmar que, malgrado a sua inovação, a modernidade não está separada do cristianismo.

Dito isto, apresento um resumo das três partes da *Carta sobre a apologética*:

1. Os métodos de fazer apologética no tempo de Blondel. A razão se mostrava como a questão em debate.
2. Discernimento a respeito dos procedimentos dos métodos de fazer apologética. O valor de uma apologética que parte da imanência.
3. A proposta de Blondel: não há conflito entre cristianesimo e filosofia.

4. O método da imanência

O método da imanência sugere um assentimento subjetivo de fé. O método pretende por assim dizer mostrar o valor da revelação cristã como um cumprimento de uma fundamental “aspiração da natureza” própria do ser humano. É impossível que não seja visto um escopo nitidamente apologético do método blondeliano. Trata-se no entanto de uma apologética que jamais evita esconder seu caráter intrínseco, isto é, o método blondeliano nunca foge da tarefa apologética que lhe é própria.

Além disso, trata-se de um método que não renuncia a um confronto com o pensamento moderno. Vale dizer que o método da imanência não desconhece o ponto o saber humano chegou até fins do século XIX. Em outras palavras, Blondel não se distancia da tarefa primordial de toda filosofia. A autêntica filosofia se quiser ser fiel à sua pretensão mais profunda é chamada a colocar o ser humano como centro de sua reflexão. “A filosofia tem como objetivo principal, como escopo único, assegurar a plena liberdade do espírito, garantir a vida autônoma do pensamento e fixar na sua completa independência, as condições que fundamentam seu domínio” (BLONDEL, 1990, p. 67).

A importância dada por Blondel à imanência é antes de tudo estratégica. A um certo ponto ele propõe uma *pars destruens*, descartando o pouco rigor das apologéticas que não podem estabelecer um diálogo de argumentos com a ciência moderna. Mas também, Blondel chama a atenção para o fato histórico da revelação. Infelizmente se tem

⁴ O texto original de Karl Rahner foi publicado em *Humanitas* 20 (1965): 399.

verificado um conflito — ou mesmo uma ruptura — entre o discurso filosófico e a afirmação teológica:

O pensamento moderno com ciumenta suscetibilidade considera a noção de *imanência* como a condição própria da filosofia; em suma, se entre as ideias reinantes há um resultado ao qual ele se liga como a um progresso seguro, é à ideia, justíssima em sua essência, que nada pode entrar no homem que dele não saia e não corresponde de alguma maneira a uma necessidade de expansão, e que nem como fato histórico, nem como ensinamento tradicional, nem como obrigação vinda de fora, exista para ele verdade que conte e preceito admissível sem ser, de algum modo, autônomo e autóctone. Ora, por outro lado, é cristão e católico só aquilo que é *sobrenatural* — não apenas transcendente no simples sentido metafísico da palavra, pois definitivamente podemos supor algumas verdades e algumas existências superiores em relação a nós, cuja afirmação, procedendo de nossas profundezas, seria ela própria imanente — mas propriamente sobrenatural; ou seja, é impossível ao homem tirar de si aquilo que todavia se pretende impor ao seu pensamento e à sua vontade (BLONDEL, 1990, p. 66-67).

É necessário, portanto, passar à *pars construens*, a saber, o próprio método da imanência. Tal método consiste “no colocar em confronto, na própria consciência, aquilo que nós parecemos pensar e querer e fazer, com aquilo que pensamos, queremos e fazemos realmente: até que as negações fictícias ou nos objetivos artificialmente almejados se encontrarem ainda as afirmações profundas e as necessidades incoercíveis tais afirmações implicam” (BLONDEL, 1990, p. 73).

Para Blondel o ofício de pensar emana de uma prática e o sobrenatural deixa suas pegadas nos fenômenos. Por sua vez, os fenômenos pertencem também ao pensamento, à liberdade e à ação. As ideias, as decisões e a prática são o *topos* por excelência da imanência. A transcendência portanto não se coloca em contraposição em relação à imanência, mas torna evidente o quanto a própria imanência possui uma infinitude de possibilidades.

Eis pois que se descortina diante de nós a insuficiência da condição humana. Existe, por assim dizer, a necessidade de algo a mais. Em outras palavras, aquilo que é imanente afirma algo que é transcendente. Vale dizer que imanente e transcendente mostram-se distintos entre si, mas sem excluírem um ao outro. Entre ambos é estabelecida uma relação de “interdependência recíproca”. “Só se pode, portanto, conceber a ideia de uma absoluta autonomia intelectual e moral se se conceber necessariamente também uma possível heteronomia” (BLONDEL, 1990, p. 75).

Pode-se dizer que Blondel admite uma descontinuidade entre o âmbito da razão e o âmbito da fé. Ele também evita e repele toda e qualquer forma de constrangimento ou coação ou, se quisermos, de uma tentativa violenta de aproximar esses dois âmbitos. No entanto, Blondel levanta a possibilidade de um *batismo de desejo*. Em outras palavras, trata-se da possibilidade de uma abertura para um caminho em direção ao aspecto ontológico, como um ato efetivo, como uma opção. Ele afirma, portanto, a ação como meio de reconhecimento e recepção da ordem sobrenatural, a qual permanecerá sempre para além das capacidades do ser humano (BLONDEL, 1990, p. 80).

O método blondeliano da imanência por meio de um esforço dialético chega ao sentido da vida. Tal sentido supera a insatisfação do eu humano. Com efeito, o sujeito humano abre-se à escuta e ao acolhimento do dom de uma revelação que se insere na história humana e se interessa por toda e qualquer realidade no interior do mundo e da história. A apologética que brota do método blondeliano da imanência chama a atenção das pessoas que têm fé para não caírem num fideísmo, mas também faz um convite às pessoas sinceras e honestas não terem medo de aproximar-se à racionalidade que o sobrenatural possui.

5. Conclusão

No início da década de 1990, no programa de Jô Soares, Dom Luciano Mendes de Almeida, então presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi perguntado a respeito da divisão existente no interior da Igreja católica entre membros do clero pertencentes à ala progressista e outros pertencentes à ala conservadora. Ele respondeu que a Igreja tem como tarefa prática buscar unir e fazer uma síntese entre uma atitude progressista e outra conservadora. De um lado, cabe à Igreja conservar e custodiar sua doutrina, suas fontes, os bons costumes. Por outro lado, ela tem de ser capaz de responder concretamente aos apelos do mundo moderno. O desafio então consiste em fazer uma síntese entre a atitude conservadora e a atitude progressista. Jô Soares então interveio e perguntou se o Cardeal Dom Eugênio Sales e o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns são iguais. A resposta de Dom Luciano foi: “Não, um é o arcebispo do Rio de Janeiro e o outro é arcebispo de São Paulo”. A entrevista encerrou-se. No cenário da Igreja católica no Brasil, sabia-se muito bem que as abordagens pastorais dos dois arcebispos eram bem diferentes. Talvez tivesse sido o caso de colocar em cada um deles um rótulo de *conservador* ou de *progressista*, como ainda acontece em ambientes eclesiais.

Trazer essa narrativa a essa reflexão pretende ilustrar como os temas tratados neste texto têm a ver com a situação atual do cristianismo no mundo. A Igreja ainda vive sob uma atmosfera de suspeita (cf. MARTINA, 1997, p. 97-98). O episódio modernista ajudou a explicitar tal atmosfera, pois nele se criou como que uma necessidade de rotular os membros da Igreja sob esta ou aquela facção ou ala. A Igreja, em todo o caso, não é um mundo inteiro. Em outras palavras, foi a essa conclusão que o Concílio Vaticano II chegou em várias passagens de seus documentos.

Esta pequena incursão no pensamento de Maurice Blondel como que nos obriga a falar mais uma vez ainda a respeito da Igreja, uma Igreja militante tão a Inácio de Loyola. Tanto Inácio quanto Blondel, enquanto seguidores de Cristo, nos mostram não uma Igreja fechada em si mesma. Mas uma Igreja aberta aos questionamentos do mundo ao qual ela se dispõe a servir. Eis pois a afirmação do autêntico sentido de *tradição* na e da Igreja. A concepção da Igreja como *tradição* implica *conservar* a palavra de Deus: “*Conservar* a palavra de Deus quer dizer antes de tudo praticá-la; [e o depósito da Tradição que as infidelidades da memória e as restrições da inteligência deformariam inevitavelmente] confiado na obediência prática do amor” (BLONDEL, 1922, p. 198), como bem cantou o poema epígrafe deste texto.

Referências

- BLONDEL, Maurice. *L’Azione*. Trad. Armando Vedaldi. Torino: Paravia, 1950.
- BLONDEL, Maurice. *Lettera sull’apologetica*. Trad. Guglielmo Forni. Brescia: Queriniana, 1990.
- BLONDEL, Maurice. *Storia e dogma*. Trad. E. Carpita e M. Casotti. Firenze: Vallecchi, 1922.
- BÖHM, Irmengard. Modernismo e antimodernismo. In CORETH, Emerich; NEIDL, Walter M.; PFLIGERSDORFFER, Georg. (org.). *La filosofia cristiana nei secoli XIX e XX*. Vol. 2. Ed. italiana organizzata por G. Mura e G. Penzo. Roma: Città Nuova, 1994, p. 392-409.
- GILBERT, Paul. La terza scolastica in Francia. In CORETH, Emerich; NEIDL, Walter M.; PFLIGERSDORFFER, Georg. (org.). *La filosofia cristiana nei secoli XIX e XX*. Vol. 2. Ed. italiana a cura di G. Mura e G. Penzo. Città Nuova, Roma 1994. p. 479-514.
- HENRICI, Peter. Maurice Blondel (1861-1949) e la filosofia dell’azione. In CORETH, Emerich; NEIDL, Walter M.; PFLIGERSDORFFER, Georg. (org.). *La filosofia cristiana nei secoli XIX e XX*. Vol. 1. Ed. italiana a cura di G. Mura e G. Penzo. Città Nuova, Roma 1993. p. 588-632.
- HENRICI, Peter. Apologetica dell’immanenza. In *Sacramentum Mundi*. Vol. 1. Brescia: Morcelliana, 1974, col. 357-361.

- INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. Trad. R. Paiva. São Paulo: Loyola, 2000.
- KEHL, Medard. *A Igreja: uma eclesiologia católica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Loyola, 2020.
- LATOURELLE, René. *L'uomo e i suoi problemi davanti a Cristo Assisi*. Cittadella, 1982.
- LATOURELLE, René. Blondel. In LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Trad. Luiz João Baraúna. Petrópolis; Aparecida: Vozes; Santuário, 1994, p. 108-113.
- MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero a nossos dias*: vol. 4 – A era contemporânea. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 1997.
- MELLO, Thiago de. *Poemas preferidos pelo autor e seus leitores*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PIMENTEL, Álvaro. Maurice Blondel: a ação criadora e o apelo da norma. In CARDOSO, Delmar (org.). *Pensadores do século XX*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2012, p. 145-160.
- PROVENCHER, Normand. Modernismo. In LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Trad. Luiz João Baraúna. Petrópolis; Aparecida: Vozes; Santuário, 1994, p. 669-671.
- VERWEYSEN, Hansjürgen. Imanência (método de). In LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Trad. Luiz João Baraúna. Petrópolis; Aparecida: Vozes; Santuário, 1994, p. 460-464.

Doutor em Filosofia (Pontificia Università San Tommaso d'Aquino, 2006)
Professor de Filosofia, Universidade Católica de Pernambuco
Professor do PPG Filosofia (UNICAP)
E-mail: delmar.cardoso@unicap.br